

10 ABR 1983

A chance de recuperação

O GLOBO

RUBEM MEDINA

O leilão de parte da dívida externa realizado há poucos dias na Bolsa de Valores do Rio não se traduz somente nos 186 milhões de dólares que deixaram de fazer parte de nossa dívida externa, pelos 150 milhões de dólares que se transformaram em investimentos estrangeiros no Brasil e pelos 36 milhões de dólares que passaram à posse do Governo, sob forma de deságio na operação.

O significado principal do evento foi o de assinalar o reinício do ingresso de capital estrangeiro no País. Os estrangeiros recomeçaram a investir e isso pode motivar os brasileiros a investir também.

Não podemos perder esta oportunidade de mudar o clima da economia brasileira. Infelizmente há ainda alguns fatores negativos pesando no ânimo dos que poderiam estar investindo no momento: alguns dos dispositivos incluídos na nova Constituição têm sua justificativa, mas outros constituem realmente um excesso somente admissível em países ricos.

O que estamos agora precisando para cortar o nó e reverter o impasse econômico? Bem analisada a situação, concluiremos que precisamos de confiança na Nação e, com base nela, detonar outra vez um im-

pulso generalizado de investimentos por parte tanto dos estrangeiros quanto dos próprios brasileiros.

É essa retomada dos investimentos que elevará a criação de empregos, que impedirá que as empresas entrem em dificuldades, que aumentará o faturamento e, em consequência, a arrecadação de impostos, reduzindo assim o déficit público.

Tudo o que contribua para mudar o ambiente econômico, tudo o que contribua para o reinício dos investimentos constitui medida de elevado alcance social. É esse fenômeno, mais alguns dispositivos da nova Constituição, que elevará não somente o número de empregos, mas também os salários e que devolverá aos brasileiros a esperança de viver melhor.

O debate que se trava em torno do déficit público é um exemplo dos critérios defensivos, do clima derrotista que assola o País: ninguém pensa em medidas de aumento da arrecadação, mas somente em redução de despesas. O déficit público e a dívida externa podem ser considerados grandes ou pequenos conforme sua comparação com as dimensões da economia. Se a economia for pequena, esses parâmetros podem ser considerados grandes, mas os mesmos parâmetros podem passar a ser tidos

como pequenos, quando comparados com uma economia de dimensão maior.

Quem quer que tenha por propósito o aumento do amparo social à população deve, neste momento, parar para pensar que nem sempre os caminhos mais óbvios são os mais eficazes e que a inclusão de dispositivos excessivos na Constituição pode, no final das contas, ter um efeito socialmente negativo, em razão da perturbação econômica que causa.

Não podemos perder esta oportunidade de nos reencontrar com o Brasil a que estávamos acostumados — o Brasil otimista, trabalhador e solidário. A sinistrose que nos assola desde que as contas externas sofreram um impasse pode chegar ao fim. Não há quem não queira — brasileiro ou estrangeiro — investir em um país no qual se possa confiar. E preciso devolver ao Brasil a confiança perdida e, para isto, é necessário antes de tudo que ninguém atrapalhe com idéias "originais", desejando ganhar a "Taça Demagogia". Senão, nem mesmo esse país generoso que temos consegue permanecer otimista.

Rubem Medina é Deputado federal e Presidente do PFL no Rio de Janeiro.